

RISCOS OCUPACIONAIS

Por um ambiente laboral mais seguro e sadio

Levantamento do Centro de Referência em Saúde do Trabalhador do DF (Cerest-DF) mostra aumento de 178,1% na taxa de acidentes de trabalho na capital do país

» LARA COSTA

O Distrito Federal registrou, ano passado, 10.026 acidentes de trabalho, segundo Levantamento do Centro de Referência em Saúde do Trabalhador do Distrito Federal (Cerest-DF). O número subiu 178,1% em relação aos casos notificados em 2022 (3.605) e mostram um cenário alarmante no que diz respeito à segurança do trabalho. As profissões mais atingidas são: pedreiros, que lideram a lista com 2.353 casos, no total; técnicos de enfermagem, que tiveram 1.861 atingidos; e os motociclistas de aplicativo, com 883 atingidos.

Ainda segundo o levantamento do Cerest-DF, as causas registradas foram provocadas por operações de máquinas e equipamentos, chegando a 7.005 casos nos últimos três anos; quedas (4.254) e acidentes de trabalhos (1.954), ou seja, quando não há definição sobre o agravo.

Bruna Soares, gerente substituta do Cerest-DF, acredita que os dados não só evidenciam as categorias mais expostas, como também na tomada de iniciativas, como o planejamento de medidas de prevenção, direcionamento de políticas públicas e intervenções onde há maior risco.

Ela vê que essas informações podem levar ao debate sobre os impactos do trabalho informal para a saúde dos trabalhadores. “Os números dão visibilidade a categorias que, muitas vezes, ficam à margem das discussões, como os entregadores e os trabalhadores informais, o que é essencial para fortalecer a promoção da saúde e garantir mais proteção.”

Na contramão da pesquisa, o Sindicato da Indústria da Construção Civil no Distrito Federal (Sinduscon) fez um levantamento a partir de dados do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) de 2023, mostrando que, na verdade, a profissão mais atingida pelos acidentes são os serventes de obras (35%), seguidos por pedreiros (6%).

Insalubridade

José Antonio Magalhães Júnior, diretor de Políticas e Relações Trabalhadoras do Sinduscon, fala que a profissão está mais exposta a acidentes por natureza, e uma das melhores soluções é a capacitação para os funcionários do setor, para que estejam mais preparados. “O treinamento deve ser pessoal, e fazer com que os funcionários acreditem no que estão fazendo, porque não adianta capacitar todos de uma empresa, se eles não acreditam no que estão e têm que aprender e repassar para os outros”, explica.

Além disso, o presidente cita outras medidas, como a melhoria nos canteiros, limpeza da obra e disponibilidade de Equipamento de Proteção Individual (EPI), como capacete, óculos, bota, cinto de segurança, entre outros. “Não adianta falar e entregar todos os equipamentos, é preciso explicar que existem e o que são os mecanismos específicos para situações simples”, acrescenta.

Falta de estrutura

A presidente do Sindicato dos técnicos de enfermagem (Sinda-te), Josy Jacob, disse que a falta

de estrutura das instituições corrobora com esse cenário enfrentado pelos técnicos de enfermagem, acrescentando outros fatores, como a falta de gerenciamento de riscos robusto e ausência de protocolos eficazes. “Superar esses obstáculos exige reestruturação das condições de trabalho, investimentos em capacitação e o fortalecimento de uma cultura de segurança que priorize a saúde do trabalhador.”

A líder sindical também cita jornadas extensas, acúmulo de funções e deficit de pessoal, como alguns dos desafios que podem levar ao cansaço físico e mental e a ocorrência de erros e acidentes, como cortes, perfurações e quedas. “Algumas das atividades realizadas majoritariamente pela categoria, como administração de medicamentos, coleta de materiais biológicos e cuidados diretos aos pacientes, expõe os profissionais a riscos constantes, muitas vezes agravados pela pressão gerada pela necessidade de uma tomada rápida de decisões e pela falta de tempo para adoção de medidas preventivas adequadas.”

Precarização

Luiz José Carlos Garcia Galvão, presidente do Sindicato dos Motoristas Profissionais de Brasília (Sindimaap), acompanha casos de acidentes e até óbito de motociclistas. Ele avalia que a precarização das condições de trabalho e os baixos salários não garantem à segurança no trabalho dos motociclistas de

Fotos: Divulgação



Advogada Juliana Mendonça: “Empresa deve indenizar o funcionário acidentado”



Josy Jacob acredita que alguns desafios, como jornadas extensas, levam aos acidentes dos profissionais da saúde

aplicativo, e defende que “a empresa teria que pagar o seguro de vida, para que reconheça, dentro da formalização esses acidentes, porque a maioria, quando formalizado, pode dar entrada na Previdência.”

Sequelas

João Ferreira do Santos Júnior, mais conhecido como Índio, foi uma das vítimas: em 2021 sofreu dois acidentes. Ele fraturou duas costelas e o tornozelo, em